

Jane Austen

# PERSUASÃO

Tradução:  
Fernanda Abreu



Título original:

*Persuasion*

Copyright da tradução © 2012, Fernanda Rangel de Paiva Abreu

Copyright desta edição © 2016:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo

ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão: Carolina Sampaio, Nina Lua

Projeto gráfico: Carolina Falcão

Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

Austen, Jane, 1775-1817

A95p Persuasão/Jane Austen; tradução Fernanda Abreu. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

(Clássicos Zahar: bolso de luxo)

Tradução de: *Persuasion*

ISBN 978-85-378-1553-3

1. Romance inglês. I. Abreu, Fernanda. II. Título. III. Série.

CDD: 823

16-30334

CDU: 823.111-3

---

## CAPÍTULO 1

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, Somersetshire, era um homem que, para se entreter, nunca lia outro livro que não o *Baronetage*; nele encontrava distração para os momentos ociosos e consolo para os difíceis; nele sua admiração e respeito eram despertados pela contemplação dos poucos remanescentes dos primeiros títulos; nele qualquer sensação desagradável ocasionada por questões domésticas se transformava naturalmente em dó e desprezo. À medida que folheava os quase infindáveis enobrecimentos do século anterior — e, caso nenhuma outra página surtisse efeito, podia ler a própria história com um interesse que jamais arrefecia —, eis a página em que o livro preferido sempre se abria:

### ELLIOT, DE KELLYNCH HALL

Walter Elliot, nascido em 1º de março de 1760, casado em 15 de julho de 1784, com Elizabeth, filha de James Stevenson, distinto cavalheiro de South Park, condado de Gloucester, com a qual (falecida em 1800) teve: Elizabeth, nascida em 1º de junho de 1785; Anne, nascida em 9 de agosto de 1787; um filho natimorto em 5 de novembro de 1789; e Mary, nascida em 20 de novembro de 1791.

Era assim, sem tirar nem pôr, que o parágrafo havia saído originalmente das mãos do impressor. Sir Walter, porém, o havia aprimorado, tanto para a própria informação quanto para a da família, com o acréscimo das seguintes palavras após a data de nascimento de Mary: “Casada em 16 de dezembro de 1810 com Charles, filho e herdeiro de Charles Musgrove, distinto cavalheiro de Uppercross, Somersetshire”; e a indicação do dia exato do mês em que havia perdido a esposa.

Vinham então relatadas nos termos habituais a história e ascensão da antiga e respeitável família: como esta havia se instalado inicialmente em Cheshire e como era mencionada por Dugdale – serviu como xerife do condado, teve representantes municipais em três parlamentos sucessivos e demonstrou lealdade e dignidade condizentes com o título de baronetes durante o primeiro ano do reinado de Carlos II, incluindo todas as Marys e Elizabeths que haviam desposado. O texto ocupava a totalidade de duas belas páginas *in-duodecimo*, antes de se encerrar com o brasão e a divisa da família: “Sede principal: Kellynch Hall, Somersetshire”, e, novamente na caligrafia de Sir Walter, a seguinte conclusão: “Herdeiro pressuposto: distinto cavalheiro William Walter Elliot, bisneto do segundo Sir Walter.”

A vaidade era o traço dominante do temperamento de Sir Walter Elliot, tanto em relação à sua pessoa quanto à sua situação. Quando jovem, havia sido um homem de beleza notável, e aos 54 anos permanecia muito vistoso. Poucas mulheres davam tanta importância à aparência pessoal

quanto ele, e nem mesmo o valete de um lorde recém-nomeado poderia se mostrar mais encantado com a posição que ocupava na sociedade. Para Sir Walter Elliot, a bênção da beleza física só perdia em importância para a bênção de ser baronete, e ele, que reunia em si essas duas dádivas, era objeto constante de seus mais sinceros respeito e devoção.

A beleza física e a posição social de Sir Walter mereciam sua grande estima pelo menos em um quesito, pois ele lhes devia o fato de ter tido uma esposa de caráter muito superior a qualquer coisa que o seu próprio pudesse merecer. Lady Elliot havia sido uma mulher excelente, sensata e agradável, cujos juízo e conduta, uma vez perdoada a paixão juvenil que a fizera virar Lady Elliot, não haviam mais necessitado qualquer indulgência. Ela havia tolerado, atenuado ou ocultado os defeitos do marido e promovido sua verdadeira respeitabilidade ao longo de dezessete anos; e, ainda que não fosse ela própria a criatura mais feliz do mundo, havia encontrado nos afazeres, nos amigos e nas filhas razão suficiente para prender-se à vida e para não ser motivo de indiferença quando foi chamada a abandoná-los. Três meninas, as duas mais velhas com dezesseis e catorze anos, era um péssimo legado para uma mãe deixar; ou, melhor dizendo, um péssimo fardo a se confiar à autoridade e orientação de um pai vaidoso e tolo. Lady Elliot, porém, tinha uma amiga muito chegada, mulher sensata e merecedora, que fora levada, pela forte amizade que as unia, a morar perto da família, no vilarejo de Kellynch; e a gentileza e os conselhos dessa amiga eram as suas principais garantias no que tangia ao auxílio e

à manutenção dos bons princípios e da instrução que vinha se esmerando para ministrar às filhas.

Fossem quais fossem as suposições nesse sentido entre seus conhecidos, essa amiga e Sir Walter *não* se casaram. Treze anos já haviam transcorrido desde a morte de Lady Elliot, e os dois continuavam vizinhos e amigos íntimos; ele ainda viúvo, e ela igualmente viúva.

O fato de uma mulher madura em idade e temperamento e dona de uma situação financeira privilegiada como Lady Russell nem cogitar contrair segundas núpcias não requer nenhuma justificativa junto à opinião pública, que, na verdade, tende a se mostrar excessivamente descontente quando uma mulher *se casa* novamente, e não quando ela *não* o faz; mas o fato de Sir Walter continuar solteiro requer uma explicação. Saiba-se, portanto, que Sir Walter, como bom pai que era (e depois de ter tido uma ou duas decepções pessoais em tentativas bem pouco sensatas), orgulhava-se de permanecer solteiro pelo bem de sua querida filha. Por uma delas, a mais velha, ele de fato teria aberto mão de qualquer coisa, algo que não lhe era muito tentador. Aos dezesseis anos, Elizabeth herdara tudo o que havia sido possível herdar dos direitos e da autoridade da mãe; e, por ser muito bonita, e muito parecida com o pai, sempre tivera grande influência junto a ele, e os dois se entendiam às mil maravilhas. As duas outras filhas tinham um valor muito menor. Mary havia adquirido uma pequena importância artificial ao desposar Charles Musgrove; mas Anne, cujo caráter elegante e trato gentil teriam lhe garantido um lu-

gar de destaque em qualquer grupo dotado de real discernimento, não era ninguém nem aos olhos do pai, nem aos da irmã; sua palavra nada valia, seu papel era ceder sempre — ela era apenas Anne.

Para Lady Russell, no entanto, Anne era uma afilhada altamente querida e muito prezada, favorita e amiga. Lady Russell amava as três moças, mas era somente em Anne que podia imaginar Lady Elliot reencarnada.

Alguns anos antes, Anne Elliot fora uma moça de aparência muito bonita, mas seu viço havia fenecido cedo; e como, mesmo no auge desse viço, o pai pouco encontrara para admirar na filha (cujos traços delicados e suaves olhos escuros eram radicalmente diferentes dos seus), não podia haver nada em seu aspecto físico, agora que ela estava murcha e magra, capaz de despertar sua estima. Ele nunca havia nutrido grandes esperanças, e agora já não tinha nenhuma, de um dia ler o nome de Anne em alguma outra página de seu livro preferido. Qualquer enlace digno teria que vir de Elizabeth, pois Mary havia apenas se casado com o membro de uma antiga família rural respeitável e dotada de grande fortuna, sendo, portanto, a *provedora* de toda a honra sem receber nenhuma em troca; Elizabeth, mais cedo ou mais tarde, faria um casamento adequado.

Às vezes ocorre de uma moça ser mais bela aos vinte e nove anos do que o era uma década antes; e, de modo geral, a menos em caso de doença ou ansiedade, trata-se de uma fase da vida em que a mulher não perde nada de seu charme. Assim foi com Elizabeth, que ainda era a mesma bela srta.

Elliot que começara a ser treze anos antes, o que desculpava o fato de Sir Walter esquecer sua idade ou, no mínimo, justificava que ele fosse considerado apenas parcialmente tolo ao julgar que tanto ele quanto Elizabeth mantinham o mesmo viço de sempre em meio à ruína da aparência física de todos os demais, pois ele podia ver muito bem como seus parentes e conhecidos estavam envelhecendo. Anne emaciada, Mary embrutecida, a piora coletiva dos semblantes dos vizinhos e o rápido aumento dos pés de galinha nas têmeoras de Lady Russell; já fazia algum tempo que tudo isso era para ele uma fonte de preocupação.

Elizabeth não chegava a se equiparar ao pai em matéria de satisfação pessoal. Fazia treze anos que era a senhora de Kellynch Hall, casa que presidia e administrava com segurança e autoridade, de modo que jamais transmitiria a impressão de ser mais jovem do que na realidade era. Havia treze anos ela vinha fazendo as honras para os convidados, estabelecendo as leis domésticas, seguindo na frente para subir na carruagem e saindo de todos os salões e salas de jantar das redondezas atrás apenas de Lady Russell. O gelo de treze invernos a tinha visto abrir todos os bailes dignos de nota proporcionados por uma região tão modesta, e os botões de treze primaveras haviam florescido enquanto ela viajava para Londres na companhia do pai para passar algumas semanas por ano gozando os prazeres mundanos da cidade grande. Disso tudo ela se lembrava, e a consciência de estar com vinte e nove anos lhe provocava alguns arrependimentos e alguma apreensão: o fato de conservar a mesma



beleza de antes lhe causava grande satisfação, mas ela sentia que se aproximava dos anos perigosos, e teria se alegrado com a certeza de ser devidamente solicitada por algum pretendente com sangue de baronete antes de transcorridos os próximos doze ou vinte e quatro meses. Nesse caso, talvez tivesse tornado a abrir o livro dos livros com o mesmo prazer do início da juventude, mas agora não gostava de fazê-lo. Deparar-se a cada vez com a data do próprio nascimento sem nenhuma subsequente indicação de casamento a não ser o da irmã caçula tornava o livro um estorvo; e em mais de uma ocasião, depois de o pai tê-lo deixado aberto sobre a mesa ao seu lado, ela o havia fechado olhando para o lado antes de empurrá-lo para longe.

Além disso, Elizabeth havia tido uma decepção da qual aquele livro e sobretudo a história de sua própria família sempre lhe fariam lembrar. Quem a decepcionara fora o herdeiro pressuposto do título, o próprio distinto cavalheiro William Walter Elliot cujos direitos haviam sido tão generosamente defendidos por seu pai.

Quando era muito jovem, assim que soubera que ele, caso ela não tivesse nenhum irmão homem, seria o futuro baronete, Elizabeth havia decidido desposá-lo, e seu pai sempre tivera a intenção de que assim fosse. Eles não conheceram William durante a infância; logo após a morte de Lady Elliot, porém, Sir Walter havia procurado estreitar os laços, e, embora suas iniciativas não tivessem sido acolhidas com qualquer efusão, havia insistido nelas, atribuindo a frieza à modéstia e ao acanhamento da juventude; assim, durante

uma de suas temporadas primaveris em Londres, quando Elizabeth estava no primeiro auge da beleza, sr. Elliot havia sido forçado a conhecer a família.

Na época, ele era um rapaz muito jovem, recém-ingressado no estudo do direito, e Elizabeth o considerou extremamente agradável, e todos os planos em relação a ele se confirmaram. Ele foi convidado a Kellynch Hall, o que deu margem a conversas e expectativas durante o resto do ano, mas nunca apareceu. Na primavera seguinte, tornou a ser visto na cidade, foi considerado igualmente agradável e novamente solicitado, convidado e aguardado, e novamente não apareceu; e a notícia seguinte foi que havia se casado. Em vez de aumentar seu prestígio no caminho traçado para o herdeiro da casa dos Elliot, ele havia conquistado independência unindo-se a uma mulher rica de baixa extração.

Sir Walter ficara ofendido. Como chefe da casa, sentia que deveria ter sido consultado, sobretudo depois de ter tentado conduzir o rapaz de forma tão ostensiva: “Pois nós devemos ter sido vistos juntos”, observou, “uma vez em Tattersall e duas vezes no saguão da Câmara dos Comuns.” Seu desagrado foi manifestado, mas aparentemente muito pouco levado em conta. O sr. Elliot não havia feito qualquer tentativa de se desculpar e mostrara-se tão indiferente ao fato de não ser mais alvo do interesse da família quanto Sir Walter o considerava indigno de tal interesse; e toda relação entre eles havia cessado.

Muitos anos depois, esse constrangedor episódio com o sr. Elliot ainda causava raiva em Elizabeth, que havia apre-

ciado o rapaz pelo que era, e mais ainda por ser herdeiro de seu pai, e cujo forte orgulho familiar só conseguia ver *nele* um pretendente à altura da primogênita de Sir Walter Elliot. Não havia nenhum baronete, de A a Z, que os seus sentimentos pudessem ter reconhecido tão facilmente como seu semelhante. No entanto, ele havia se comportado de forma tão lamentável que, embora atualmente (no verão de 1814) Elizabeth estivesse usando fitas pretas por sua esposa, nem sequer cogitava tornar a gratificá-lo com sua consideração. A desgraça daquele primeiro casamento, uma vez que não havia motivos para supor que houvesse sido perpetuado por filhos, poderia ter sido superada caso ele não tivesse feito coisa ainda pior; no entanto, conforme haviam sido informados pela costumeira intervenção de gentis amigos, ele havia se referido à família toda de forma muito desrespeitosa, menosprezando e desdenhando o próprio sangue e as honrarias que posteriormente seriam as suas próprias. E para isso não podia haver perdão.

Eram esses os sentimentos e as sensações de Elizabeth Elliot; essas as preocupações que temperavam e as agitações que animavam a mesmice e a elegância, a prosperidade e o vazio de sua vida; esses os sentimentos que davam colorido à longa e tediosa residência em uma mesma comunidade rural, e preenchiavam os tempos mortos, na inexistência de um hábito útil fora de casa, um talento ou uma realização doméstica para ocupá-los.

Agora, porém, a tudo isso vinha se somar outra ocupação e inquietude. Seu pai estava começando a ter problemas

financeiros. Ela sabia que agora, quando ele abria o Baronetage, era para espantar do pensamento as altas contas de seus fornecedores e as desagradáveis insinuações de seu administrador, o sr. Shepherd. Kellynch era uma propriedade sólida, mas não era condizente com a concepção que Sir Walter fazia do estilo de vida que seu proprietário deveria ter. Quando Lady Elliot ainda era viva, havia método, moderação e economia suficientes para mantê-lo dentro das possibilidades de sua renda; mas todas as considerações desse tipo haviam morrido junto com a esposa, e a partir de então ele vinha ultrapassando constantemente essas possibilidades. Não lhe fora possível gastar menos: ele nada fizera a não ser o que Sir Walter Elliot tinha a obrigação de fazer; no entanto, por mais isento de culpa que estivesse, não apenas estava acumulando muitas dívidas, como também ouvindo falar tanto no assunto que se tornou vão tentar esconder, ainda que parcialmente, a situação da filha por mais tempo, ainda que parcialmente. Na última primavera em Londres, ele havia feito algumas alusões ao problema; chegara até a dizer: “Será que não podemos economizar? Você consegue pensar em algum artigo no qual possamos economizar?” E Elizabeth, justiça lhe seja feita, tomada pelo ardor inicial do alarme feminino, havia começado a pensar seriamente no que poderia ser feito, e por fim sugerido duas formas de economia: cortar algumas doações de caridade desnecessárias e evitar uma reforma do salão; a isso acrescentou, posteriormente, a feliz ideia de não levarem nenhum presente para Anne, como era o costume anual. Essas medidas, porém, por

melhores que fossem em si, não bastaram para sanar o mal, cuja extensão Sir Walter se viu obrigado a confessar à filha pouco depois. Elizabeth não teve qualquer outra sugestão mais eficaz. Assim como o pai, sentia-se maltratada e infeliz, e nenhum dos dois era capaz de imaginar qualquer forma de diminuir as despesas sem comprometer a dignidade ou abrir mão do conforto em que viviam de uma forma que lhes seria possível de tolerar.

De todas as terras que possuía, Sir Walter só podia dispor de uma pequena parte; no entanto, ainda que tivesse sido possível alienar todos os seus hectares, isso não teria feito a menor diferença. Aceitara hipotecar até onde podia, mas jamais aceitaria vender. Não, jamais causaria tamanha desgraça ao próprio nome. A propriedade de Kellynch seria transmitida íntegra e completa, como ele a havia recebido.

Os dois amigos e confidentes da família, o sr. Shepherd, que morava na cidade vizinha, e Lady Russell, foram chamados para ajudar; e ambos, pai e filha, pareciam esperar que um ou outro conseguisse encontrar alguma solução capaz de eliminar o constrangimento e reduzir as despesas sem acarretar a perda de qualquer satisfação do gosto ou prazer.